

PANDEMIA E TERRITÓRIO: INCIDÊNCIAS NA CLÍNICA

Camila Maggi Rech Noguez¹

RESUMO

Profissionais da saúde mental se veem em franca elaboração a respeito das incidências pandêmicas na clínica. O presente texto, ao investigar o relato de um sonho, tem como objetivo oferecer elementos que o analista pode tomar em consideração quando escuta e sublinha as formações do inconsciente e suas expressões discursivas. Por conta do distanciamento social – um privilégio de poucos, que explicita as desigualdades e racismos – e da suspensão das diversas formas de circulação humana, já é possível perceber o rearranjo de novos territórios de compartilhamento, de novos comuns. É na relação com a polis que as cenas clínicas reeditam a insistência de funcionamentos caducos, ao mesmo tempo em que a diferença se inquieta e se insinua. Reconhecida a íntima relação entre clínica e política, podemos conceber a pandemia como acontecimento analisador dos modos cansados com que nos organizamos. A aposta recai nos ineditismos que podemos testemunhar diante da nova disposição dos corpos no cenário urbano.

Palavras-chave: *clínica; território; branquitude; pandemia e racismo.*

ABSTRACT

Mental health professionals find themselves in elaboration regarding pandemic incidences in the clinic. This text, through the investigation of a dream report, aims to offer elements that the analyst can take into account when listening and underlining the formations of the unconscious and its discursive expressions. Due to the social distance – privilege of the few, which explains the inequalities and racisms – and the suspension of the different forms of human circulation, it is already possible to perceive the rearrangement of new territories for sharing, of new common. It is in the relationship with the polis that the clinical scenes reissue the insistence of obsolete functioning, at the same time that the difference is insinuated. Having recognized the close relationship between clinic and politics, we can conceive of the pandemic as an event that analyzes the tired ways in which we organize ourselves. The bet is on the novelties that we can witness in the face of the new disposition of bodies in the urban scenario.

Key words: *clinic; territory; whiteness; pandemia and racism.*

Recebido em 04/07/2020, aceito em 12/07/2020.

¹ canoguez@gmail.com — Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Profissionais da saúde mental se veem em franca elaboração a respeito das incidências pandêmicas na clínica: que fenômenos e funcionamentos encontram agora passagem para o recrudescimento de sofrimentos e vulnerabilidades? Por quais ineditismos podemos esperar diante da nova disposição dos corpos no cenário urbano?

A pandemia coloca em questão, de forma radical, as noções de espaço e território de cada pessoa, família, coletivo, estudante, trabalhador, morador; ou seja, das muitas formas de existir na cidade. A rua – metáfora e principal palco do espaço público – pode ser tomada como fundamental plano de subjetivação pela via da alteridade e, agora, divide o seu protagonismo com outros meios e espaços.

É na rua, ou através dela, que se dão os trânsitos, fobias, acordos, acessos, gerações de renda, usos de álcool e outras drogas, atritos, riscos, velocidades, proteções, consumos e também as moradias. Por conta do distanciamento social – privilégio de poucos que explicita as desigualdades – e da suspensão das diversas formas de circulação humana, já é possível perceber o rearranjo de novos territórios subjetivos de compartilhamento, de novos comuns.

Se grandes deslocamentos e aglomerações encontram um limite nessa forma de ordenamento social, novas possibilidades de aliança se dão a ver entre vizinhos – que antes não se conheciam – novas redes de solidariedade se produzem, novas formas de trabalho se ensaiam quando os atores se encontram reposicionados. Assistimos ao surgimento de outras redes de apoio e encontros antes pouco ou nada explorados. É na cena que reedita a insistência de funcionamentos já prescritos que a diferença se inquieta e se insinua.

No Território de um Sonho

É inverno no sul do globo. Estamos, na matriz covidiana, vivendo sob efeito das mortes de George Floyd em Mineápolis, asfixiado pelo joelho de um policial – ainda que tivesse avisado muitas vezes *I can't breathe* – e do menino Miguel de 5 anos que, sob os cuidados da patroa de sua mãe, pegou o elevador sozinho e acabou caindo do nono andar de um prédio em Recife.

No meio da noite fria, alguém se encolhe sob as cobertas e dá de joelhos em outros

joelhos. Estes se desagradam, rosnam e viram para o outro lado como protesto. A protagonista se desculpa, lamentando não ter calculado as fronteiras demarcadas conforme a envergadura de cada qual no colchão. Volta então a pegar no sono, mas leva consigo um resto da decepção que se desprendeu daquele incidente e do qual fará uso no sonho que começa.

É uma cama de madeira barata. Nela, está a sonhadora com seus joelhos brancos, uma ex-colega de faculdade, que é negra e que costuma dormir cedo, e um veterano – de cor branca e com o qual trocou dois *pois és* ao longo das oito vezes em que se encontraram, ambos sempre em pé e com um copo de cerveja na mão. Na vida em vigília, esse veterano tem um sócia pela cidade.

Pois bem, faz treze anos que todos eles se formaram. São muitos nessa cama, que não é de quem sonha e que poderia ser de um alojamento ou de uma pousada simples em qualquer praia do litoral brasileiro. A sonhadora se pergunta se também ela não teria tido uma sócia na psicologia dos treze anos passados, uma que silenciava a branquitude da grade curricular. Mas isso são apenas parênteses sobre o sócia do veterano, que está por aparecer no sonho.

No corpo onírico, ao procurar uma posição cômoda, quem sonha abre o olho conferindo se os outros dois estavam de fato dormindo. A ex-colega de sono fácil – diferente daquela que passa noites em claro, mas que agora consegue dormir e sonhar – está com os olhos abertos, desacomodada, dizendo: “essa insônia que não me larga”. As interações na cama seguem e, tanto a sonhadora quanto a ex-colega, estão negociando com generosidade os afetos e espaços. Rompendo com o isolamento físico, a ex-colega acomoda a sua testa na testa da sonhadora, assim adormecem. Mas suas testas começam a suar, talvez estejam próximas demais e alguém se sinta desconfortável. Não se quer repetir a decepção e os protestos dos joelhos alheios minutos atrás antes do sono: aquela que sonha se afasta, toma distância para não incomodar, vai bem para o canto, se espreme contra a parede: entre as duas, um vasto território de lençol amarrotado.

É a vez do sócia do veterano (o sócia é sócia também na cor). Ele está sentado na beira da cama e tem um quadro mental grave somado à epilepsia. Nas crises, se aperta com as unhas nos tornozelos e nos pulsos até sangrar, se contorce no chão e alguém tem que

segurar a sua mandíbula, preservar a sua língua. A dona do sonho finge que dorme, pois não sabe como fazer tal manobra e tem medo que ele lhe arranque um pedaço do privilégio de fingir estar sossegada. É quando o veterano vai ao encontro do próprio sósia para finalmente socorrê-lo. É como se a figura do veterano antecipasse: temos todos uma faceta insabida; parecida, mas diferente. A serviço de que o tormento do sósia? Seus espasmos se assemelham a uma insurgência, mas contra o quê?

Na mesma hora, o sósia tenta atacar nossa anti-heroína, fincando-lhe as unhas no seu pulso até que sangue — a única maneira que encontra para dar vazão à dor de existir, lhe finca, fitando com olhar de vidro, pedindo ajuda, perdão e passagem. O sonho termina. Ela foi salva. Ela não salvou ninguém.

De volta à vigília covidiana

A cena nos oferece uma alegoria de duplos que se encostam e se afastam, insones num sonho alerta, preto e branco, Floyd e Miguel. Cálculo espacial e loucura na pele que fura e perde fronteiras: pulsos, tornozelos e joelhos. Além de duplos, dobradiças e basculantes. Norte e sul do globo em vigília para que algumas descansem, enquanto outras precisam despertar.

Das sentenças reiteradas diversas vezes nos últimos tempos, “a covid-19 é um vírus democrático” provavelmente seja a que mais oportunize campo de polêmica e debate. O acontecimento, que tem assombrado uma espécie, talvez não tenha a democracia como sua principal diretriz, uma vez que atinge sobremaneira aqueles que não podem quarentenar, aqueles cujas residências não permitem permanência, privacidade, quanto menos isolamento. Talvez a realidade sem escolas imposta pela covid-19 atinja mais as crianças pretas que dependem do cuidado de uma patroa branca, impaciente e negligente — com vidas pretas.

Na presente data, o Brasil totaliza 61.884 mortos por Covid-19, e o número de hospitalizações e mortes cresce muito mais entre as pessoas negras do que entre as pessoas brancas segundo dados do Ministério da Saúde até o mês de abril (Agência Pública, maio

de 2020). A dimensão puramente biológica da letalidade por Covid-19 em humanos (usada para advertir sobre a democracia do seu contágio) não explica o caráter necropolítico (Mbembe, 2018) da pandemia. Nossas deliberações sobre como viver juntos na polis – através das ações previdenciárias e de segurança urbano-sanitárias – acabam por promover a vida de uns (brancos, marcados por uma herança de privilégios) em detrimento da vida de outros (negros historicamente subalternizados em suas moradias, trabalhos e saúdes). Em outras palavras, o vírus talvez não tenha uma interação biológica privilegiada com o fator fenotípico cor da pele, mas tem relação estreita com o fator político racismo. Assim, o perfil sócio demográfico da pandemia no Brasil acaba por confirmar um traço marcante da subjetividade brasileira: não encarar a lógica escravocrata de sua conformação social, enquanto oportunamente se distrai com o engodo sobre o mito da sua democracia racial.

Pandemia como acontecimento de incidências clínico-políticas

Tomemos por clínica a intenção espaço-temporal em que funcionamentos habituais e cansados são acolhidos para então sofrerem um giro que possibilite vigor aos dias. Tomemos por política a arte de decidir como viveremos juntos na polis: quais serão os espaços, o que será imposto, arrecadado, negociado. Dividiremos os elevadores em social e de serviço? A arquitetura de um apartamento – sempre implicada – será com ou sem a senzala diminuta, conhecida como quartinho da empregada? Assumidas tais proposições para a clínica e para a política, podemos conceber a pandemia como acontecimento analisador do modo com que nos organizamos, ao passo que também oportuniza outras formas de estarmos juntos.

Ferreira Neto (2004) trabalha a noção foucaultiana de processo de subjetivação na sua relação com o território urbano marcada, então, pela exterioridade. O governo de si – intimamente associado ao governo da polis – diferente de uma concepção historicamente difundida e ainda transmitida de interioridade psicológica que diga respeito a um indivíduo e sua personalidade não historicizada. Assim os processos de subjetivação estão menos interessados nas constituições identitárias do que no plano vívido e movente de forças socioeconômicas, históricas, urbanas. Desse modo, temos que toda a clínica é atravessada pela política, incluindo aquela feita pela analista de consultório: desde o bairro escolhido,

passando pelas opções de revista na sala de espera, o que se assinala de uma escuta, ou ainda, o que reverbera de um sonhar.

Considerações

O trabalho de análise (reinvenção dos modos de existência) não é possível sem estarmos advertidas quanto à política das relações de um território-época e seus paradigmas constitutivos de sintomas. Paradoxalmente o trabalho de análise implica, ao mesmo tempo, a suspensão desses mesmos paradigmas para que as desinstitucionalizações (do si) possam ser escutadas.

Do lado da manutenção do estado atual das coisas, não faltará quem se encarregue de enaltecer a resiliência de personagens que são a exceção em um Estado que garante as condições básicas somente para a realização de determinados humanos. Por outro lado, a clínica ou analista se alia àqueles que não se conformam mais com as explicações conhecidas acerca dos padecimentos. Há algo que irrompe e pede passagem. É nessa oportunidade que escuta e intervenções clínicas estão atentas às repetições e aos circuitos existenciais inéditos que a nova dinâmica territorial propõe. O que do público produz mais ou menos oportunidade de fala (e, por consequência, de vacilo, equívoco e gagueira) sobre o conviver na polis? No período dos últimos quatro meses, temos vivido acontecimentos de grande impacto coletivo.

O fazer clínico em tempos de pandemia pode acompanhar e sublinhar os novos deslocamentos que parecem estreitos e socialmente recrudescidos à primeira vista. No entanto, tais trânsitos imprimem outras velocidades, inauguram desconfortos e formas de ser e estar no universo íntimo de uma cama, inclusive. Procuram-se espasmos de diferença na violência com que se repetem veteranos ou caducos repertórios do existir.

REFERÊNCIAS

Agência Pública de Reportagem e Jornalismo Investigativo. Disponível em: <https://apublica.org/2020/05/em-duas-semanas-numero-de-negros-mortos-por-coronavirus-e-cinco-vezes-maior-no-brasil/> Acesso em: 3 de jun. de 2020.

FERREIRA NETO, João Leite (2004, jan./jun.). *Processos de subjetivação e novos arranjos urbanos*. Revista do Departamento de Psicologia – UFF, (16)1.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.